

do quotidiano

19 e 21 de fevereiro às 15:20

dia 20 às 10:15

auditório da Escola Secundária Tomás Cabreira



Ana Ramos
Beatriz Ramalho
Bruno Rebelo
Carina Sousa
Carla Rodrigues
Carolina Rodrigues
Catarina Angélico
Cheila Vermelhudo
David Mártires
Diana Merlin
Flávio José Araújo
João Guerreiro
Laura Flórido
Leonardo Francisco
Maria Mendes
Mariana Paias
Margarida Lucas
Miguel Domingos
Mihaela Iaczkó
Rita Simões

concepção
Alberta Santos

a partir de *Crimes Exemplares*, de Max Aub
música
Brian Eno

Curso Profissional de Artes do Espectáculo - Interpretação

do quotidiano

O nosso dia-a-dia está infectado por violência, nas suas mais variadas formas, perpetrada pelo Homem contra o Homem. *Crimes Exemplares*, de Max Aub, apesar de ser uma sucessão de relatos, confissões de crimes que aconteceram realmente, têm imenso potencial cómico e dramático. Estes textos permitem abordar temas que me preocupam e acerca dos quais me questiono desde há muito tempo, como a questão do *mal* não ser apenas o oposto do *bem*, mas o seu inimigo. O verdadeiro mal procura destruir até as distinções morais. O que distingue as acções maléficas de outras que são simplesmente muito más? Qual a diferença entre dizer que uma acção humana é má e que outra é um crime contra a humanidade? As questões relativas ao crime, crime e desvio, a juventude e o crime, o género e o crime, a sociedade contemporânea como potencial geradora de maior criminalidade, sempre despertaram a minha atenção. A hipótese da humanidade não aprender nada, ou tão pouco, com a sua própria história, é aterradora mas plausível. Ninguém está a salvo, todos estamos à mercê desse perigo, que advém do esquecimento e da ignorância.

Susan Neiman exprime claramente, no seu livro “*O Mal no Pensamento Moderno*” os contornos e as ambiguidades do crime exercido pelos e contra os humanos:

«Como podem os seres humanos comportar-se de uma forma que viola tão meticulosamente tanto as normas da razão como a do bom senso?

(...) Se o iluminismo é a coragem de pensar pela própria cabeça, é também a coragem de assumir responsabilidades pelo mundo para o qual se é atirado. A separação radical do que noutras eras era tido como o mal natural e o mal moral tornava-se assim parte do significado de modernidade. Se Auschwitz pode ser considerado uma marca no fim dessa época, é pelo modo como marca o nosso terror. As concepções modernas do mal foram desenvolvidas para deixar de culpar Deus pelo estado do mundo e para tomarmos nós mesmos essa responsabilidade. Quanto mais responsabilidade pelo mal era deixada aos seres humanos, menos importância a espécie parecia dar-lhe.

(...) O problema do mal é assim o problema do mal em si. É um problema que a humanidade trouxe para si ao criar ideais que põem a vida em situação de iniquidade. Se criámos o problema devíamos ser capazes de o resolver, quando reconhecêssemos a profundidade da transformação a que devemos ser submetidos.»

(Susan Neiman; *O Mal no Pensamento Moderno*)

Sendo o Teatro um meio de intervenção social, seria um desperdício não aproveitar uma tão inesgotável forma de comunicação, para contar estórias e histórias. No nosso quotidiano, abundam inúmeros exemplos de violência, física e psicológica, opressões e tabus que provocam um clima de constrangimento, um ataque à dignidade humana e à convivência entre pessoas, comunidades e povos. Para além dos textos de Max Aub, adaptados à realidade geográfica portuguesa, utilizam-se alguns dados estatísticos sobre a violência de género. Na construção deste objecto, procurou evitar-se o melodrama e a monocórdia, que são outro crime.

Exercício interdisciplinar: Movimento e Voz, do Curso Profissional de Artes do Espectáculo, 3A e 3B.

A partir de *Crimes Exemplares*, de Max Aub

Música: Brian Eno

Intérpretes:

Ana Ramos; Beatriz Ramalho; Bruno Rebelo; Carina Sousa; Carla Rodrigues; Carolina Rodrigues; Catarina Angélico; Cheila Vermelhudo; David Mártires; Diana Merlin; Flávio José Araújo; João Guerreiro; Laura Flório; Leonardo Francisco; Maria Mendes; Mariana Paias; Margarida Lucas; Miguel Domingos; Mihaela Iaczkó e Rita Simões.

Encenação: Alberta Santos